

MESA III

A sociedade de massa e os meios de comunicação social no MERCOSUL

Palestra do professor Nilson Lage*

Vamos então fazer algumas considerações. A primeira delas é parte do próprio título: A sociedade de massa e os meios de comunicação social. A questão básica é a seguinte: existirá alguma sociedade de massa? O que é que se quer dizer com sociedade de massa? Bom, quer-se dizer que é uma teoria, é uma metáfora que vem de Roma antiga, que renasce pelas mãos de um autor italiano, em 1890, Sichel, é a idéia de que o conjunto das pessoas são um gesso sob o qual se imprime a mão de um manipulador. Esse conceito de massa é um conceito de direita, que foi logo abrigado pelo Gustave Le Bon, em 1895, num livro chamado *A psicologia das massas*, e essa idéia vai percorrer o século XX. A direita, claro, vai determinar a orientação política do partido nazista em expansão, em seguida do *Reich*, que articula um poderoso sistema de controle de opinião pública, envolvendo a escola, as igrejas que sobreviviam ali, que eram aliadas ao regime, toda as atividades culturais e artísticas, mais a imprensa, mais a Rádio Berlim e mais a UFA, que produzia filmes tecnicamente magníficos. Então isso na direita.

Pelo centro, liberal e conservador – e é muito difícil separar uma coisa da outra – vocês vão encontrar, por exemplo, em Lazio a idéia de que os meios de comunicação de massa permitem a governabilidade. E a expressão textual dele é a seguinte: “gestão governamental de opiniões”. Então ele pretende a “gestão governamental de opiniões”, que ele considera um instrumento da democracia. De qualquer maneira, isso vai pelo pensamento liberal. Prossegue, Walter Lippman irá falar de “manufatura do consentimento” reafirmando esta corrente. E pela esquerda, a idéia de uma massa

* Professor da Universidade Federal de Santa Catarina.

que alguém manipula, essa idéia é incorporada a partir de 1930 ao discurso da Escola de Frankfurt. É claro que do ponto de vista de Adorno, Horkheimer* ou Walter Benjamin, que estavam sujeitos ao poder nazista, e a impressão que se tinha era de uma manipulação, de uma massa que se manipulava com extrema facilidade. Isso prossegue, essa idéia de massa, a que se agrega a idéia de uma indústria, indústria cultural ou cultura de massa, e posteriormente, na maior traição ideológica possível ao pensamento de Marx, depois de ter suprimido a classe operária e tê-la substituído pelo conceito de massa, porque é uma inversão, os autores da Escola de Frankfurt, sem deixar de serem magníficos autores, eles trocam o conceito de capitalismo pelo conceito de sociedade industrial. Por coincidência, isso acontece quando Adorno e Marcuse vão para os EUA, na época do macarthismo, e começam a trabalhar em universidades americanas. É óbvio que, trabalhando em universidades americanas, eles jamais poderiam escrever contra o capitalismo, e substituíram o capitalismo por sociedade industrial. Observem, que se vocês tirarem sociedade industrial e colocarem capitalismo tudo funciona bem. Então é esse o processo da massa. Qual é a teoria que sustenta essa idéia de comunicação de massa? Bom, é uma teoria que parte de um modelo de comunicação que está em Saussure, não é contestada por Peirce, mas que é expressamente manifestada no modelo de comunicação matemática, quer dizer, você tem um emissor, que produz uma mensagem, um outro que codifica e um receptor que decodifica. Quer dizer, o receptor é uma espécie de unidade burra: apenas decodifica aquilo que o emissor, depois de um enorme trabalho mental, produziu. Então há um domínio do orador sobre o ouvinte. Há uma predominância do emissor sobre o receptor. Há um domínio absoluto do discurso do poder, criando um paradoxo que depois seria transferido para a sala de aula, para qualquer instância em que alguém fala e alguém ouve. Então, o que é que está sendo dito? Está sendo dito que eu sou o sujeito do meu discurso, e que os meus ouvintes são meros objetos. Bom, e esse contexto começa a reverter por volta de 1960-70, quando se começam os estudos de cognição. Logo se descobre que as mensagens não são exatamente o que se codifica. Porque quando se tenta decodificar uma mensagem, descobre-se uma vastíssima polissemia, quer dizer, descobre-se um infinito de significados possíveis. Eu costumo didatizar isso tomando uma expressão clássica da filosofia – “todo homem é mortal” – e dizendo que

* Max Horkheimer – 1895-1973, notabilizado por seus estudos de crítica às interpretações positivistas do marxismo. N. do E.

todo tem o significado da inteireza de algo, da soma de várias coisas, e de qualquer um. O *homem* quer dizer a espécie humana, quer dizer o homem em oposição à mulher, quer dizer o homem adulto em oposição ao menino, quer o homem corajoso em oposição ao covarde. É quer dizer é idêntico, quer dizer é semelhante, quer dizer é igual e quer dizer que pertence. E finalmente *mortal* quer dizer aquilo que morre e aquilo que mata. Então, considerando a combinatória desses sentidos, nós temos 96 sentidos para “todo homem é mortal”, dos quais, contados a dedo, 13 sentidos são compatíveis, quer dizer, são logicamente coerentes. Por exemplo, eu poderia dizer que todo homem mata. Então, no momento em que eu atribuo um papel extremamente importante ao receptor, a quem cabe reconhecer padrões, recorrer à decorrência lógica, e fazer funcionar a sua intuição. Então imaginem o receptor, que era um sujeito *burro*, que só traduzia, ele não é burro, ele tem que considerar todo o contexto, recorrer à sua memória, ao seu conhecimento, para poder entender uma mensagem. E a gente começa a compreender algumas coisas do mundo da mídia. Por exemplo: a gente consegue entender que a mesma emissora que faz o *Jornal Nacional* faz a *Globo News*. O problema é que os públicos são diferentes, portanto as mensagens são diferentes. De qualquer maneira, essa é que é a questão da massa.

Agora vamos pegar a questão dos meios de comunicação social no Mercosul. Nós temos aí um perfil muito diferenciado. Tradicionalmente, os meios gráficos eram muito mais avançados na Argentina do que no Brasil. Tanto que o Brasil importou a feição gráfica dos jornais, a diagramação dos jornais, da Argentina. E a Argentina tinha uma indústria editorial razoavelmente diversificada e rica, ajudada inclusive pela expansão do mercado em espanhol, antes de o Brasil ter isso. A imprensa brasileira era muito ligada à política, a partidos políticos, a grupos políticos, a segmentos, às vezes até a famílias, e a imprensa argentina já tinha um caráter mais comercial que lhe dava mais agilidade e versatilidade. Na Argentina, por exemplo, eram comuns os folhetins, os livros em capítulos, e aqui não. Hoje, nós temos uma situação mais ou menos comparável nos dois países sob esse aspecto da indústria gráfica. Com uma característica comum, que nos interessa particularmente: um país ignora totalmente o outro. Nós não temos praticamente cobertura recíproca. Só em situações especiais é que há uma cobertura de assunto argentinos no Brasil ou uma cobertura de assuntos brasileiros na Argentina. Isso tradicionalmente. Ultimamente, com a voga do Mercosul e os recursos que foram carreados para isso, há uma parte da imprensa especializada em economia, e estritamente essa passou a se interessar por fazer essa ponte. Mas, na maioria das vezes, as tentativas

nesse sentido são tentativas de fronteira, tipicamente. O problema do rádio: ele teve uma certa importância, tanto no Brasil quanto na Argentina. No Brasil ele teve um papel de integração fantástico a partir de 1940, mais ou menos, com a Rádio Nacional; na Argentina as emissoras não apresentavam esse problema de integração, porque a Argentina não é tão arquipélago quanto o Brasil, que é um arquipélago cultural. Então, a Rádio Nacional teve uma certa importância, as rádios argentinas tinham também uma certa importância, mas o rádio refluíu para o contexto local. Hoje as rádios são todas locais. As emissoras de ondas curtas, as poucas que estão no ar, trabalham residualmente. Então esse é o quadro. E o problema do veículo hegemônico, que é a televisão. Nesse caso, realmente a qualidade técnica da televisão argentina, em relação à televisão brasileira, é muito ruim. Por quê? Basicamente porque sofreu muito mais a intervenção política e porque está na órbita de um idioma e de uma produção continental. Então a televisão argentina é uma televisão bem deficiente em relação ao Brasil, isso do ponto de vista técnico. Mas a questão mais grave continua sendo a ignorância de um país em relação ao outro e de ambos em relação ao Uruguai e de todos eles em relação ao Paraguai. São países absolutamente não informados um a respeito do outro. O Paraguai para nós é um lugar onde se compra *m u a m b a*. O Uruguai é outro país sobre o qual se sabe muito pouco. E a Argentina só nos interessa quando há acontecimentos pitorescos na elite política argentina. A Rede Globo, por exemplo, tem um correspondente telefônico em Buenos Aires, tem uma sucursal inteira em Nova York, outra sucursal européia, que aliás produzem bastante e são muito interessantes. Esse é o quadro: não há nenhuma informação.

Será que esta questão da informação é importante? Como se deve pensar essa questão da informação? Existe uma maneira antiga de pensar. Nós precisamos atingir, com a nossa mensagem, os argentinos para convencê-los de que nós somos ótimos, de que nós temos boas intenções. Então nós queremos formar uma opinião favorável na Argentina. É uma teoria. Há uma outra visão. Nós precisamos conhecer mais a Argentina. E gostaríamos que a Argentina conhecesse mais a nosso respeito. Colocada no primeiro nível, eu acho que é totalmente inútil tentar formar uma opinião favorável na Argentina ao Brasil. Acho não só inútil como perda de dinheiro e perda de esforço. Informar mais a Argentina sobre o Brasil eu acho muito interessante. São duas coisas completamente diferentes. Observe-se que sempre no controle de opinião existe algum grau de manipulação da realidade. O que colocou a classe operária de joelhos não foi o discurso da Rede Globo nem de jornal nenhum, foi o desemprego. O que

impede a aceitação popular do Mercosul é a convicção, nos mais informados, de que a qualquer momento a Alca virá como um trator e passará por cima. As pessoas bem informadas têm essa concepção. Elas não acreditam que o governo brasileiro, o governo argentino e muito menos o governo paraguaio e o governo uruguaio, presos em suas fantásticas contradições, submetidos por processos de dívidas insolúveis, mergulhados em dificuldades cambiais de todo tipo, tenham em algum momento suporte para, em nível internacional, enfrentar convicentemente o protecionismo americano. Ninguém acredita nisso realmente. Eu não conheço quem acredite. Isso do ponto de vista das elites. Do ponto de vista da população, não há grandes animosidades, também não há grandes conflitos, e também não há grandes simpatias. Então não é esse o problema. O problema real é que não há confiabilidade, mas a falta de confiabilidade não é no Brasil ou na Argentina, a falta de confiabilidade é no projeto. E como aumentará essa confiabilidade? Com campanha de propaganda? Não. Com um desempenho mais sério dos Estados nacionais, com uma afirmação clara de que esse projeto será mantido. Não havendo isso, não havendo essa sinalização de realidade, não há discurso que segure. Porque a gente pensa como o contexto em que se vive. O anúncio é uma coisa interessantíssima para vender Coca-Cola e não Pepsi, Pepsi e não Coca-Cola, ou Guaraná e não Coca-Cola, ou carro x e não carro y , ou para vender qualquer coisa desse tipo. Mas para formar opinião de fato, importa muito a realidade, um discurso que condiga com a realidade. Nós temos uma realidade, no Brasil e na Argentina, recessiva, nós temos dez anos de Mercosul que coincidiram com dez anos de queda das nossas rendas pessoais, de perda de segurança econômica, de desestabilização de nossos sistemas previdenciários, de desnacionalização de nossas economias... Então como vamos nos entusiasmar por algo que se associa a tudo isso? Como nós vamos reverter a imagem da realidade, quer dizer, como é que nós vamos apresentar uma coisa que realmente é assim como se fosse o seu contrário? Vocês estão percebendo como é difícil imaginar uma reversão desse tipo? Claro que nós poderíamos, e até já deveríamos, fazer um esforço nesse sentido. Então essa é a questão central. Há um problema de credibilidade do Mercosul, tanto no Brasil quanto na Argentina. Que pode ser resolvido, pode ser melhorado com mais consistência. Menos contradições, mais vontade de acertar e até menos preconceitos evidentes. Hoje pela manhã, eu estava mencionando o seguinte: ontem vi uma mesa em que se discutia políticas do Mercosul, e os membros brasileiros tomavam por *tabula rasa* que o Brasil liderava o Mercosul. E eu vi o embaixador uruguaio aqui se enco-

lhendo em um canto, via-se que ele estava muito constrangido. Por que é que o Brasil lidera o Mercosul? Porque é grande? Então a Rússia lidera a Europa. Porque é rico? Rico de quê? De dívidas e contradições internas. Por que liderar o Mercosul, que liderança é essa, quem lidera o quê numa América Latina que é toda uma vasta pasta, onde ninguém lidera ninguém? Não há isso. Nós precisamos tomar uma injeção de humildade primeiro, e olhar para o Uruguai não como um *paisinho*, mas como uma nação irmã. E olhar para o Paraguai não como um lugar que tem contrabando de *chips* e de *cd*, mas como um lugar que tem um povo produtivo que está tentando sobreviver tanto quanto nós. Então é uma questão profunda. E acho que em termos de comunicação, ou seja, em termos de captação e processamento de informação jornalística o importante seria que nós criássemos estruturas de estímulo ao intercâmbio de informações como primeiro passo, para que nós entendêssemos um pouco esse processo argentino, que para nós é completamente misterioso. Por outro lado, nós estamos vendo as instituições brasileiras bastante erodidas. Trocar essas informações e ter um pouco mais de noção de onde estamos e do que se trata. Isso se pode fazer sem grande custo.

Quanto à questão do Mercosul, é uma questão mais essencialmente política, é uma questão de fundo, é uma questão de criação de realidade, para que então se possa discorrer nessa realidade propondo caminhos. Todo discurso é entendido em função daquilo que o cerca, do que vem antes, do que vem depois, do que está em volta, da nossa própria memória, do nosso próprio conhecimento, da nossa própria expectativa do mundo é que nós entendemos qualquer coisa. Se a nossa visão é uma visão associada à depressão econômica, à perda de direitos, é uma visão associada ao modelo que nós fazemos, nós – pelo menos as pessoas mais informadas, é de uma globalização em de que não há um *centro frouxo*, como dizem os franceses, mas um centro real. Do ponto de vista político, um poder militar gigantesco, superior a qualquer outro. Do ponto de vista econômico, uma concentração de riqueza que tem sim seus porta-vozes específicos – Banco Mundial, FMI, etc. Num contexto desse, você imaginar um mercado com países com esse nível de contradição e com governos que são inseguros, que ora dizem uma coisa, ora dizem outra, um desvaloriza a moeda e desequilibra o outro, depois o outro começa a aumentar tarifas alfandegárias para proteger sua indústria interna e nós não chegamos nem a entender por que essas coisas acontecem. Esses são os problemas que nós damos a vocês para discutirmos o assunto.

Palestra da professora Irene Cristina*

Eu gostei muito de uma palavra que o Nilson Lage colocou, que foi *reversão*. Eu me lembro que na década de 70, quando eu entrei para a universidade, a esquerda estava voltada para a América Latina, politicamente, culturalmente, a gente sabia o que acontecia, a gente lutava contra as ditaduras do Chile, da Argentina, do Paraguai, do Uruguai... A gente sabia o que acontecia artisticamente, a gente lia Pablo Neruda, ouvia Violeta Parra, a gente sabia de todos os atentados, mesmo os que não estavam em nenhuma mídia. Nós éramos muito voltados para a América Latina, sem que a mídia falasse da América Latina. Hoje eu me pergunto: onde é que se deu essa ruptura? Nós é que deixamos de gostar disso? Não, é claro que as pessoas da minha idade gostam de ouvir Mercedes Sosa, adoram ler o Cortázar, a gente gosta dessa realidade porque essa realidade é mais nossa que a americana. O que eu quero colocar é onde se deu essa ruptura na mídia. Quer dizer: se não estava na mídia e a gente sabia, e por que hoje não está e a gente não sabe? Eu tentei responder essa pergunta numa tese de doutorado e eu dizia que, hoje, nesse espaço imagético, a informação, a educação, a cultura, a tradição, os gostos, desejos, modas e manias são divulgados. Nem o humor e a crueldade escapam. O certo e o errado são veiculados com todas as suas potencialidades, sem contar com o discurso do sobrenatural, que também insere esse seu discurso apofântico no espaço televisivo, criando a ilusão de que o que há e até o que não existe materialmente no mundo foi tratado até a exaustão e nada sobrevive além da *telinha*. Porque é essa a impressão que dá quando você acaba de ler um jornal ou ver a tevê ou ouvir o rádio. Aconteceu o que está ali. E eles têm um leque tão grande de acontecimentos, que o que não está ali não existe, porque até o que não existe está ali. Então a América Latina não existe, cadê a América Latina? O próprio Brasil não está ali, pois o que vemos ali são centros urbanos que irradiam para algum lugar. Onde é que está a América Latina? Está nesse discurso do Mercosul.

* Professora da Universidade Federal Fluminense.

No livro *Globalização e Desnacionalização*, o Professor Reinaldo Gonçalves diz que o discurso América Latina está no comércio, está no discurso dos livres cambistas, dos panamericanistas, dos minilateralistas, dos ocasionalistas, dos geopolíticos, dos globalistas, dos bilateralistas, está justamente nesse discurso. Se a ida do Chile para o Nafta vai ser pior ou melhor para o Mercosul, se o Brasil deve ou não ser superior à Argentina, se a Alca vai trazer essa hegemonia americana e vai nos sufocar, eu me pergunto se não deveríamos discutir essa hegemonia do entretenimento, essa hegemonia ideológica e não mais essa hegemonia do comércio. Eu gostaria de tratar da hegemonia da identidade e não dessa preocupação que os economistas têm com a hegemonia econômica. Esse *american way of life* que vem em forma de entretenimento e que nos contamina nos momentos em que estamos mais relaxados, e por isso eles entram com mais facilidade, os países do primeiro mundo se rebelam contra isso. No Canadá, um projeto chamado *Société Nouvelle*, da década de 70, cabeu quase que todo o Quebec e Montreal porque as redes de tevê norte-americanas não precisavam fazer nada. Elas simplesmente, por terem uma torre, elas entravam imediatamente nos lares canadenses, principalmente no Canadá francês. O governo federal, junto aos governos municipais e as comunidades, cabearam as cidades para que eles pudessem receber programação local e não ficassem apenas com aquela programação do *broadcasting* americano que entrava e que realmente, como entretenimento, ganhava qualquer um. Mas está provado que a pessoa prefere ver o seu igual, a sua imagem na televisão do que algo importado.

Isso porque é um país de primeiro mundo e isso foi na década de 70, quando sequer se discutia essa hegemonia do entretenimento, quando as grandes redes de entretenimento ainda estavam na mão de mais de cinquenta corporações, e todas elas ligadas aos meios de comunicação, porque em menos de 20 anos elas foram reduzidas para vinte e não mais empresas. Hoje, os que detêm toda essa rede de entretenimento são empresas comuns do mercado. É uma Coca-Cola, é a Sony... Enfim, são empresas que não são mais voltadas apenas para o mercado de comunicação como era nessa época. Na América Latina também houve uma resistência na década de 70 – iniciada no Chile e que depois, com o golpe militar, mudou-se para o Peru – que foi para a capacitação rural e que começou no meio rural, onde chegava apenas o rádio e os jornais, e que quando chegavam eles nem sabiam ler. Então houve todo um trabalho de capacitação através de vídeo, de televisão, de televisão alternativa, televisão comunitária, uma tentativa de levar para lá uma visão um pouco diferenciada do que

era mostrado no *broadcasting* como um todo. Com o golpe militar, esse projeto, que era patrocinado pela FAO, o órgão das Nações Unidas para alimentação, ele se intitulou Centro de Serviço e Pedagogia Audiovisual para Capacitação, ele foi para o Peru para trabalhar com índios peruanos, também na parte da agricultura. Não só do que eles faziam gravar e mandar para que outros países vissem, como levar para lá experiências de outros lugares que eles pudessem aplicar. Ou seja, abriram uma rede de troca de informação, que você não teria na rede normal da comunicação de massa, e que foi possibilitada até hoje, pois existe uma rede que tem tentado fazer este tipo de trabalho. Infelizmente, com pouquíssimos recursos e sem tanta facilidade. Nessa época no Brasil, só o pessoal da Videoarte se interessou por esse tipo de trabalho. Havia artistas no Brasil que trabalhavam com a Videoarte e tinham essa preocupação de trocar informações com outros artistas latino-americanos, também nessa parte da Videoarte.

Na parte da imprensa não havia nada. Eu me lembro que no início da década de 80, houve um congresso no Panamá, da Associação Latino-Americana de Periodistas, e eles pediram aos jornalistas presentes que fossem até a Nicarágua, principalmente nas fronteiras, para que eles pudessem documentar as atrocidades que estavam sendo feitas por grupos contra-revolucionários armados pelos EUA e que se baseavam em Honduras e atacavam a população mais carente. Isso porque os sandinistas tinham chegado ao poder em 1979, então a guerrilha pela fronteira estava se iniciando. É claro que foi uma série de jornalistas para lá, o nosso trabalho lá foi bastante difícil porque, para rodar aquela fronteira, no lado da Nicarágua, a terra estava muito dizimada porque foi a terra que os Somoza plantaram algodão para mandar para os EUA durante séculos. E era possível quase ver uma linha divisória, porque na parte de Honduras era uma densa floresta e do lado da Nicarágua era nada. Então se andava naquele *nada* e ficava-se imaginando através de que miras estariam nos vendo do outro lado. Nós fizemos o nosso trabalho e voltamos aos nossos países. Foi uma dificuldade conseguir divulgar isso. Tínhamos fotos das atrocidades cometidas, creches sendo incendiadas, mas ninguém queria publicar. O máximo que conseguimos foi começar a ir a faculdades, a sedes de partidos políticos etc., e fazer pequenos encontros para que isso pudesse ser um evento multiplicador. Foi isso que nós acabamos fazendo. Anos depois o repórter Caco Barcellos escreveu um belo livro chamado *A revolução das crianças*, em que conta tudo o que ele não conseguiu colocar nos meios de comunicação.

E é isso que eu fico me perguntando: será que vale a pena guardarmos esta informação com a gente, mandar essa informação adiante, é hora

desta *retomada* da América Latina. Já que se fala tanto da América Latina por conta de um mercado, por conta de uma economia, a gente pode retomar? A TVE tinha um programa chamado “Programa Mercosul” e que tinha uma repórter na Argentina e uma repórter da Argentina aqui. Assim que a televisão argentina foi privatizada, acabou o programa, pois ele só tinha interesse enquanto eram duas televisões públicas.

Ao mesmo tempo, eu penso que quando nós propomos uma retomada, nós nos sentimos extraterrestres, jurássicos. Mas, ou a gente começa a trabalhar por isso ou daqui a pouco começa a cair no esquecimento, não só de que existe uma América Latina, mas de que a gente faz parte dela. Eu gosto muito de vasculhar a internet sobre esses assuntos, e outro dia eu descobri vários *sites* sobre a América Latina, e via que nós mesmos temos medo dessa retomada. Por exemplo, em um desses sítios sobre arte, há o menosprezo no próprio nome: “Anônimas Latinas”. É uma organização internacional de artistas e artesãos da América Latina, que vendem para o mundo inteiro, divulgam seu trabalho etc. Outro grupo é o “Espaço Zero”. Eles têm um centro de arte em vidro, tem escola, biblioteca, galeria, loja, dão assessoria a diversos países e escolas internacionais, mas se intitulam “zero”. Nós poderíamos parar de pensar que trazer este assunto em voga é algo que está contra nós.

Que a mídia está desinteressada, nós sabemos. Eu fico imaginando uma forma de divulgar essa diversidade, de tentar destruir esse modelo de ‘administrabilidade’ desse espaço social contemporâneo, que é criado pela mídia. Quer dizer, pode ser que essa troca hoje seja entre dois e três, mas vamos tentar multiplicar. Eu acho que podemos tentar chamar isso de uma *guerrilha midiática*, sem perder a ternura, para lembrar o Che.

Obrigada.

Palestra do professor Antônio Martins*

Eu acho que oportunidades como essa são muito importantes porque, ao contrário do que procuram nos ensinar, nós podemos e nos esforçamos para compreender os dramas que o nosso continente vive, esperando alguma coisa que é completamente contrária à tendência dos meios de comunicação modernos, principalmente num continente como a América Latina, atrasado do ponto de vista dos padrões da economia atual, que é cultivar a idéia – uma idéia que se firmou na Revolução Francesa mas que cada vez mais tende a ser erodida –, de que as sociedades têm a capacidade e têm o direito de debater, de conhecer e de transformar o seu destino. Nós vivemos em uma época política em que chegamos a ter saudades da velha manipulação que os meios de comunicação faziam, do processo anterior de concentração dos meios de comunicação, quando estavam muito ligados às idéias da direita, muito ligados aos grupos econômicos, mas um momento onde havia ainda debate político, onde havia ainda tentativas de exposição de idéias, ainda que nós fôssemos muito minoritários. E até saudades de épocas em que as instituições eram evidentemente limitadas, mas havia espaço público de debate dos problemas da sociedade. A tendência da sociedade em que nós vivemos é cada vez mais de que o controle dos meios de comunicação sobre a sociedade seja feito através da despolitização, onde os meios de comunicação tradicionais não procuram mais expor, debater e sustentar seus pontos de vista, mas procuram criar uma atmosfera de despolitização, de impotência das sociedades, de idéia de que os fenômenos políticos, as decisões políticas, as decisões que mudam nosso destino econômico, político, cultural, social, não são tomadas pelos seres humanos, não são tomadas por agentes políticos com nome, sobrenome e filiação partidária, política e ideológica, mas são fenômenos naturais, são fenômenos inevitáveis, semelhantes às catástrofes, erupções vulcânicas, furacões, alguma coisa assim. Isso se dá nos meios de comunicação numa espécie de parceria, de identidade com o que ocorre na políti-

* Jornalista, representante da Ciranda Internacional da Informação Independente – SP.

ca. Porque também na política nós temos cada vez menos espaço para interferir de fato nos problemas reais, nas decisões mais importantes. As decisões mais importantes pouco a pouco vão deixando de ser tomadas pelos parlamentos, pelos partidos políticos, por pessoas que estão num plenário, que votam. As decisões mais importantes são tomadas por órgãos de burocratas que não são eleitos pelo voto popular, que não prestam contas a ninguém, e que contam com o respaldo da imprensa para que as suas decisões sejam vistas como decisões mais ou menos naturais, mais ou menos inevitáveis, mais ou menos “não havia outra saída, a realidade hoje é essa e não temos o que fazer”. Apesar dessa situação aparentemente difícil, causada de certa maneira pela monopolização, pela concentração do poder econômico, pela concentração dos meios de comunicação, pelo fato desses meios serem cada vez mais ramos de grupos empresariais e menos empresas de comunicação mesmo, apesar disso tudo, eu acho que esse mesmo desenvolvimento tecnológico abre espaço para que as sociedades – e em especial nós jornalistas, comunicadores – ocupemos certas brechas e nos utilizemos de certos instrumentos criados por eles para fazer uma contra-informação democrática, numa batalha que não está definida, mas da qual não se deve afastar.

Acho que o tema desse seminário é muito oportuno porque, em torno do Mercosul, em torno do destino da América Latina, em torno da Alca, se desenvolve, em nosso país e no Mercosul todo, um esforço de despolitização marcante, presente nas instituições políticas e na imprensa também. Se nós acompanharmos, se nós fizermos uma análise profunda dos acontecimentos ligados – políticos, econômicos, sociais, culturais – mais importantes da América Latina e mais importantes do Mercosul nos últimos dois anos, particularmente depois do acordo do Brasil, que era o país que mais resistia a esse processo, mas depois da assinatura do acordo com o FMI (em 1999, depois da crise cambial), verifica-se que está em curso um processo muito nítido de esvaziamento do Mercosul, que nós criticamos com razão pelo seu caráter de pólo simplesmente comercial, de não desenvolver as identidades culturais, as relações culturais entre os países, mas que de alguma forma funcionava como um bloco econômico incômodo para a ampliação do poder dos EUA nessa parte da América Latina. Há um processo evidente de esvaziamento do Mercosul e há um processo que é apresentado como natural, de construção da Alca.

Vou relacionar alguns fatos que, no meu modo de ver, demonstram essa tendência a partir principalmente do início da década (aqui no Brasil marcadamente no início do governo Fernando Henrique). Em primeiro

lugar, a sustentação, por parte do Brasil, já depois da existência do Mercosul, a partir de 1994 – e principalmente a partir de 1995, quando há a crise mexicana, que repercute muito fortemente na Argentina – há um processo de sustentação artificial pelo governo brasileiro de déficits comerciais muito grandes com a América Latina, tanto pela sobrevalorização (naquela época) do Real, quanto por políticas muito claras adotadas para favorecer a entrada de certos produtos argentinos no Brasil. Isso não afetava fortemente o balanço de pagamentos do Brasil, a economia brasileira, porque era o período das vacas gordas do Real, um período muito forte de entradas de investimentos no Brasil e era possível secundariamente naquele momento oferecer para o plano de paridade cambial da Argentina uma possibilidade de amenizar um pouco os desequilíbrios do plano de paridade da Argentina, que naquela época eram muito evidentes já. A Argentina tinha um déficit comercial muito grande, insustentável a médio e longo prazos com o resto do mundo, e compensava parcialmente esse déficit comercial com o Brasil, com quem ela tinha um superávit muito grande, e através disso amenizava um pouco os seus desequilíbrios internos. Então, o primeiro grande desequilíbrio do Mercosul.

Em seguida vem, em sentido completamente oposto, a desvalorização brusca do Real, invertendo a situação das relações comerciais, sem a mínima iniciativa do governo brasileiro para adotar, em relação à Argentina, alguma política de compensação, que era evidentemente necessária, já que são países que estavam, pelo menos teoricamente, interessados em compor um bloco comercial, em colaborar um com o outro para evitar crises econômicas e para promover algum esforço de desenvolvimento comum. O Brasil, que mantinha um déficit comercial enorme com a Argentina, de repente provoca uma desvalorização enorme da moeda, que era natural naquele momento e indispensável inclusive para evitar que a crise cambial fosse ainda mais profunda, mas deixa de adotar qualquer política de compensação. Políticas semelhantes foram utilizadas nas últimas décadas por inúmeros países em condições semelhantes, para evitar que a desvalorização criasse um choque grave na Argentina. Em seguida, posições de sobretaxa mútuas entre um país e outro e posições de barreiras físicas entre um país e outro, uma escalada de declarações inamistosas entre um país e outro e, mais recentemente, em especial depois que o Brasil assina o acordo com o FMI, acaba, em efeitos práticos, a resistência que a diplomacia brasileira ainda mantinha em relação à Alca? E há uma série de outros acontecimentos que fazem com que o Mercosul, hoje, seja considerado por todos os analistas mais sérios, como um bloco muito

ameaçado de extinção. Há fatos não só econômicos, mas também geopolíticos, militares, há fatos como a entrega da base militar de Alcântara (talvez a mais importante do Brasil) para utilização das forças armadas norte-americanas, uma série de exercícios das forças armadas, tanto brasileiras quanto argentinas, com as forças armadas norte-americanas, a retomada do acordo militar brasileiro com os EUA, a autorização feita pelo Estado brasileiro para que militares norte-americanos possam inspecionar os quartéis brasileiros. Há a negociação dos acordos da Alca com completo desconhecimento da sociedade brasileira, ninguém sabe o que se discute – é um dos fatos que demonstram o esvaziamento da política. Há, desde 1998, uma série de grupos de trabalho constituídos por representantes de todos os países envolvidos na Alca. Esses grupos de trabalho produzem documentos, se reúnem regularmente em local certo e sabido, e não existe nenhum debate público sobre o que esses grupos produzem. Quem de nós participou, no Congresso Nacional, de algum grande debate sobre a Alca? Quem de nós sabe que destino levou, em que gaveta se perdeu a proposta, apresentada no Brasil e em outros países, para a realização de plebiscitos, como ocorreu na União Européia, para que as sociedades possam se pronunciar sobre a Alca. Mas mais do que isto: que meio de comunicação brasileiro, argentino, uruguaio ou paraguaio, debateu, de forma profunda, com os seus leitores qual é o sentido da Alca? No Brasil nós tivemos dois tipos de debate: um, que interessava evidentemente ao governo brasileiro, que não questionava a Alca, mas que questionava o seu prazo de implantação. A idéia não é a sociedade refletir sobre a possibilidade ou não de entrar na Alca – a Alca são favas contadas para esse discurso que vemos todos os dias nos jornais –, o que resta saber é se a Alca virá daqui a três anos ou daqui a cinco anos. É o mesmo discurso do governo brasileiro, isso por uma parte da imprensa. Por outra parte, é uma vertente também da desinformação que os grandes meios promovem hoje e da desumanização, em um certo sentido – é a tentativa de jogar para cada cidadão individualmente a pergunta sobre a sua relação com algo que é visto como independente do posicionamento da cidadania. Então, na revista *Exame* “sua empresa já está preparada para os desafios da Alca?”, “você, como profissional, sobreviverá à era da Alca?”. Ou seja, o cidadão não tem mais o direito de participar de um debate público sobre a possibilidade de o Brasil aderir ou não à Alca. O cidadão tem que simplesmente fazer os cursos que eles consideram necessários e se preparar profissionalmente nos rumos que o mercado vê como necessários para garantir o seu emprego após a entrada da Alca. A Alca é um furacão, é um terremoto que vai beneficiar –

como eles sempre gostam de afirmar – os mais preparados. A questão da cidadania não é saber se nós devemos, enquanto nação, questionar (coisa que um país muito mais débil no cenário internacional, como a Venezuela, tem feito), mas a de propor algo inusitado. A Venezuela, por exemplo, quer participar do Mercosul. Por que não? E um mercado só do Cone Sul? Por que não a América Latina, como propõem com muita radicalidade, mas também com muita profundidade e com idéias muito circunstanciadas, o embaixador Samuel Pinheiro Guimarães? Por que não adotar uma outra estratégia, como por exemplo a retirada das negociações sobre a Alca e o lançamento para o conjunto dos países da América Latina – em especial para os países vizinhos do Brasil de uma proposta de formação de um bloco latino-americano, que esse sim possa negociar, mais fortalecido e com mais unidade, com os EUA, com a União Européia, com outros países. Então, esse debate acho que é uma característica da despolitização da política e dos meios de comunicação. No meu modo de ver é um retrocesso em relação a períodos anteriores, onde a política estava enquadrada pela própria característica das instituições e os meios de comunicação eram, majoritariamente conservadores (como sempre foram quem fosse ligado a quem tem dinheiro), mas assumiam uma posição, abriam algum tipo de debate. Chamavam-nos de dinossauros, de comunistas, mas mostravam que havia dois pontos de vista e não procuravam correr por essa via da despolitização. No meu modo de ver, isso demonstra, por um lado, a força que esses setores têm, mas por outro lado, as dificuldades concretas, provocadas pelos fatos, como ressaltou o Professor Nilson Lage. Há a necessidade de examinarmos os fatos, isso é um fenômeno novo, que vem basicamente desde 1997, quando houve a primeira grande crise financeira da época neoliberal. Até então, o discurso claramente esmagador nos meios de comunicação era o de que nós estávamos vivendo uma nova época, o Fernando Henrique chegou a dizer que era um novo renascimento, mas uma época de fim das disputas entre as nações, uma época de paz, uma época de prosperidade, de uma época em que todos teriam oportunidade de chegar ao primeiro mundo. É esse o discurso que prevalece na década de 90, que leva à eleição de Fernando Collor, que leva à primeira eleição de Fernando Henrique. Mas, se comparamos o discurso que havia até 1997 com o discurso que há hoje, há uma diferença nítida e que mostra que existe um sentimento novo na sociedade ao qual, mesmo as forças políticas mais ligadas a esse modelo, têm que respeitar.

Hoje em dia, quase mais ninguém é neoliberal, quase ninguém diz que o neoliberalismo vai nos levar à redenção, vai nos levar a um novo

renascimento. O Banco Mundial chegou a reconhecer, há um ano e meio, em um relatório, que existe pobreza no mundo. O FMI faz um discurso a favor da visão social, da necessidade de levar em conta a destruição da natureza. É uma fase de um certo impasse político, no meu modo de ver. Porque de um lado eles são obrigados a fazer um discurso que tem a ver com o nosso. O fato de eles serem obrigados a reconhecer que existe pobreza e que é necessário adotar políticas contra a pobreza, no meu modo de ver significa um triunfo nosso. Significa que, pouco a pouco, a agenda, que era simplesmente da eficiência, da “modernização”, da competitividade, começa a mudar. Faz parte do interesse claro e do imaginário da sociedade a necessidade de não promover somente a competição, mas de promover a redução das desigualdades. As forças políticas mais conservadoras, mais contrárias à igualdade, mais favoráveis à desigualdade, têm que pagar um tributo em relação a isso. Tem que falar de certa forma a nossa língua, em determinados momentos. Mas isso não correspondeu, até agora, a uma mudança nos rumos empreendidos na política e na economia por esses setores econômicos e políticos predominantes. Isso é uma retórica. Porque enquanto eles dizem que é necessário levar em conta a pobreza, eles continuam promovendo a Alca. Eles continuam promovendo o avanço da biotecnologia num sentido que pode levar ao *apartheid* genético da humanidade, eles querem patentear os genes humanos, querem patentear as espécies animais e vegetais de todo o mundo. Eles querem lançar agora em novembro, escondidos da sociedade, na cidade de Dorra, no Qatar, onde não pode haver os protestos que houve em Seattle, por exemplo, uma nova rodada de liberalização comercial da Organização Mundial do Comércio, essa que foi barrada em Seattle, a partir das mobilizações de lá e a partir das pressões de alguns governos do sul também. Então há um certo impasse. Por um lado, um discurso menos *mercado*, mais favorável à sociedade, mais favorável a novas formas de democracia começa a ter força, começa a disputar hegemonia e de outro lado isso não corresponde a uma mudança na atuação concreta das forças que comandam esse tipo de globalização que a gente vive.

O aspecto positivo que isso traz no meu modo de ver é que surge um terreno onde é possível para nós, que resistimos a esse tipo de globalização, dialogar, não com nós mesmos, não com os mesmos dinossauros de sempre, mas com camadas amplas da sociedade. Há, também, condições técnicas novas que não significam automaticamente uma nova comunicação, não significam o fim dos monopólios da comunicação automaticamente, mas há ferramentas novas onde está se dando uma disputa que não está resolvida, em especial a internet. A internet, todos sabem, é uma

arma criada para permitir a integração do arsenal nuclear norte-americano e cuja principal utilidade hoje é permitir que os grandes especuladores internacionais transfiram dinheiro de um país para outro com maior facilidade, aumentando seus lucros e os riscos de crises financeiras, mas é também um meio no qual foram organizadas todas as principais mobilizações antineoliberais nos últimos anos. Através de duas características básicas: uma, a interatividade; a outra, o custo muito mais reduzido do que a impressão de material. Ela abre uma nova chance de articulação de movimentos sociais e de criação de um novo meio de difusão da comunicação. Ela é elitista, mas, mesmo em um país como o nosso, já atinge um número semelhante de pessoas que são leitoras de publicações regulares. E ela tende a se expandir cada vez mais porque é uma necessidade do próprio capital. O capital precisa da internet para cortar custos, para demitir gente, para “modernizar” a economia, assim como precisou difundir o uso da televisão por todo o mundo. Ela tende a se espalhar rapidamente por setores cada vez mais amplos da sociedade. Além disso, ela pode ser utilizada não simplesmente para chegar no receptor final, no participante final da comunicação, mas ela pode ser utilizada para a comunicação à distância. É um fenômeno já forte em outros países, mesmo na América Latina, o surgimento de agências independentes de comunicação, de jornalismo via internet. Algumas originadas de meios de comunicação existentes em papel e algumas outras novas que surgiram graças à própria facilidade aberta pela internet. Uma delas foi criada durante o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. O evento foi um encontro de vários grupos ligados a uma série muito grande de reivindicações específicas, mas unidos em torno da luta contra o neoliberalismo, que se reuniram no começo do ano, mais de 10 mil pessoas para participar de uma série enorme de debates sobre os mais diversos temas, mas todos ligados a essa idéia de que é preciso construir um novo mundo. E foi possível organizar lá, pelo menos 1.200 jornalistas de meios de comunicação independentes, uma coisa impressionante. Cada meio de comunicação desses, em geral mandando um ou dois jornalistas. São meios, em geral, com poucos recursos, mas que conseguiram mandar pessoas para lá, gente de todo o mundo. Jornais de sindicato, jornais de movimentos sociais, agências de notícias etc. E, aproveitando esse exército de pessoas presente, surgiu a idéia de criar uma rede baseada num princípio que foi tirado também desse desenvolvimento novo do *software* livre, o princípio do *copy left*, o princípio do saber compartilhado, o princípio de que aquilo que cada um produz pode ser utilizado livremente por todos os demais numa grande ciranda. Inclusive a forma que nós demos

ao sistema chamava-se Ciranda Internacional da Informação Independente, que se tornou visível em uma página da internet (a página foi construída graças a um programa desenvolvido por ex-alunos da PUC-Rio, o “Publique”). Através deste sistema, jornalistas que estavam lá no local onde foi realizado o Fórum Social Mundial tinham cada um uma senha, produziam textos e faziam parte de uma página na internet e as suas respectivas publicações tinham o direito de utilizar cada um desses textos – os textos produzidos por seus jornalistas e os textos produzidos por jornalistas das outras publicações que faziam parte da Ciranda. Foi, ao mesmo tempo, um serviço prestado para o público em geral – porque pela internet qualquer um poderia ter acesso – mas prestado também, em especial, para os meios de comunicação que fizeram parte dessa experiência. Depois ou durante o evento, cada um pôde entrar naquele repertório e reutilizar aquele material em seus meios de comunicação. Isto está sendo reconstruído agora para o próximo Fórum Social Mundial, com capacidade maior, utilizando o mesmo programa e o mesmo princípio também, de modo que, sem desconsiderar a importância das publicações impressas, propondo, ao contrário, uma articulação entre essas publicações impressas, que podem atingir um público maior, e a internet (onde só um grupo mais restrito de pessoas mais ligadas às comunicações tem o hábito de recolher informações mais frequentemente), que já é um meio de dialogar e de trocar material produzido.

Em conjunto com essa mudança na conjuntura política internacional que favorece o surgimento de posições, um sentimento mais democrático, de uma proposta de transformação social cujas bases teóricas não estão definidas ainda... No meu modo de ver, é uma tarefa de gente como nós, que está empenhada na transformação social, que está consciente da necessidade de rediscutir os programas, os agentes sociais da transformação social, mas que não perdeu a idéia de que a transformação social é um valor que deve ser perseguido sempre. Para nós, que temos esse ponto de vista, eu acho que é indispensável hoje participar desta batalha. Como eu disse, não é uma batalha definida. A internet pode vir a ser um instrumento de não-comunicação, de isolamento entre as pessoas, onde cada um se satisfaz na sua pequena sala, no seu cubículo, vivendo, não com a sociedade, com os seres humanos, mas diante de uma tela de computador, comprando pelo computador, lendo pelo computador, namorando pelo computador, tudo fora da vida real. Isso é um risco e é um risco real, por isso é necessário que nós participemos de nossa batalha, que no meu modo de ver é uma batalha que não está definida. Também porque o futuro da nossa sociedade não está definido. Há uma brecha política e há uma brecha na comunicação que a gente deve aproveitar.

Intervenções

Intervenção do coordenador da mesa, professor Fernando Sá

Antes de começar o debate, eu gostaria de discorrer rapidamente sobre um fato. Em 1992, participei de um seminário cujo tema era exatamente esse, a questão da comunicação no âmbito do Mercosul, e esse seminário foi desenvolvido em Assunção. A sede era um convento de padres, e imagine jornalistas argentinos, uruguaios, paraguaios passando três dias nesse lugar. E eu era o único jornalista brasileiro. Na época, eu estava chegando lá com um material que provocou alguma celeuma aqui no Brasil: nós coordenamos um grupo que fez uma pesquisa de acompanhamento das pautas dos telejornais no Brasil, das televisões de sinal aberto. E tínhamos chegado a algumas conclusões muito interessantes. E eu agüentei dois dias de palestras e palestras, todas elas feitas em espanhol, e eu resolvi fazer uma experiência. Quando eu fui falar, eu falei em português. E havia um interesse muito grande das pessoas em ouvir e entender aquilo que eu estava falando porque a pesquisa causou curiosidade. E aí então começou-se a discutir um problema gravíssimo de comunicação no âmbito do Mercosul que é a questão da língua. Além de todos os problemas que foram colocados aqui – ao lado de um outro grande problema, que é a crise do Estado soberano, ou seja, o que é que significa montarmos um mercado comum, formado por países pobres e exatamente em um momento de crise do Estado nacional – eu acrescentaria mais esse da língua. Se nós não pensarmos nisso, nós podemos passar por um problema gravíssimo, que é a comunicação no âmbito do Mercosul se dar em língua inglesa, por exemplo, entre brasileiros e argentinos. Isso pode acontecer, e parece já estar acontecendo. Então, em função disso, eu queria abrir o espaço para o debate e para as perguntas.

Intervenção do professor Roberto Amaral

Gostaria de fazer uns comentários, a começar pela palestra da Professora Irene Cristina. Porque ela me lembrou fato que havia esquecido:

que o Cone Sul já foi diferente. Houve tempo em que acompanhávamos, pelo noticiário, as ações dos *motoneros*. Acompanhávamos torcendo e sofrendo – a gente sofria com a Mercedes Sosa, mas também sofriamos com o que faziam com Allende e com o Chile de Allende. O que havia de diferente entre aquele momento e este? Nós todos vivíamos, em nossos países, na América do Sul – e eu trabalho com a categoria América do Sul, não com a categoria América Latina – sob ditaduras. Mas eram ditaduras, todas elas, contestadas. Havia ditadura e havia contestação. Tanto do ponto de vista político-ideológico, quanto do ponto de vista militar. E naquela época o imperialismo – me desculpem, essa palavra não caiu de moda no meu dicionário –, que havia montado essas ditaduras, a começar pela ditadura brasileira e pela chilena, derrubando nos dois casos dois regimes constitucionais, tinha o interesse nesses sistemas, mas havia cisões no sistema internacional. Mesmo na sociedade americana havia setores que não concordavam com a sustentação dessas ditaduras, e havia claros setores da Europa, aos quais nós nos socorriamos, que tinham contradição com as ditaduras na América do Sul, e que estimulavam o trabalho de resistência. E além do mais – me desculpem o meu saudosismo –, existia uma coisa que não existe mais entre nós, que são as organizações revolucionárias. Não existem mais organizações de resistência. Não há mais essa resistência revolucionária, as organizações não partidárias desapareceram, o movimento comunista desapareceu, o movimento socialista é uma metáfora, e os nossos partidos deixaram de fazer resistência, encantados com a perspectiva de uma eleição que nunca chega. É como a linha do horizonte: ela está sempre próxima e quando a gente se aproxima ela se afasta. Identifico essa realidade da ação política como um fato novo, como a diferença característica. Colocaria apenas um elemento: já houve tempo em que este país já teve uma revista latina. A revista *O Cruzeiro*, nosso maior magazine, se deu o luxo de ter uma edição em espanhol. Houve momento em que este país pensou em integração continental e formulou a Operação Pan-Americana. Houve momento em que este país teve uma visão de política internacional – isso nos anos 50 – e renunciou posteriormente. Renunciou ou foi expulso. Qual o quadro em que nos enxergamos hoje? Contrastando com aquele, que eu diria de multipolaridade, e lembraria que então existia a Guerra-Fria, estamos hoje em um quadro em que o monopólio não é apenas industrial, o monopólio não é apenas econômico, o monopólio é fundamentalmente ideológico. Só que esse monopólio, no plano dos meios de comunicação, é reflexo. O monopólio se instalou nas nossas sociedades, se insta-

lou nas nossas elites. Os meios de comunicação de massa reproduzem o pensamento da metrópole, não apenas porque eles representem os interesses dos proprietários dessas empresas produtoras e comercializadoras de informação. Porque a elite dos nossos países está, também ela, convencida do discurso único, e professa o discurso único. Para toda essa gente, nós somos dinossauros.

A segunda questão que gostaria de colocar a mim me preocupa muito. Como é que vamos poder pensar em um processo que parece urgente e ingente de integração, de composição de uma comunidade, se nós sequer nos conhecemos? Nós não temos a imagem do outro. E não temos mais, porque já tivemos. Aos jovens, que não partilham da minha geração, eu queria dizer que já houve uma cinematografia argentina, e que nós assistíamos a películas argentinas neste país. Existia uma cinematografia mexicana, que unificava todos nós. E que descobriríamos depois alguns conteúdos ideológicos naquela cinematografia. Existia uma música mexicana. Existia uma música cubana. Estudávamos filosofia com textos em espanhol editados na Argentina. O curso de Medicina era feito com textos em espanhol. Por que é que estou lembrando isso? É para dizer que nós pudemos construir um processo de resistência. Que ele foi possível em 50, foi possível em 60. O que há de novo? O que há de novo é a globalização, é a unipolaridade, é o fato de que o único veículo de informações sobre a Argentina é a CNN em espanhol. Ou seja, os argentinos me vêem e eu vejo os argentinos, os paraguaios, os nicaraguenses, os cubanos, etc., segundo a visão do Departamento de Estado norte-americano. Vejo o que eles querem que eu veja e como querem que eu veja. E não há esforço de nenhum desses países de se mostrar diretamente. Há agora uma escala na informação: o grande público tem informação nenhuma, que é a informação da rede de televisão aberta; nós outros, que pudemos ter acesso à televisão via cabo; e, os refinados, que podem navegar, podem ter uma boa linha telefônica, um bom computador, ingressam na internet. Fiz um levantamento, uma amostragem por acaso, dos filmes oferecidos na TVA, no mês de outubro do ano de 2000. Nesse mês de outubro, foram oferecidos aos assinantes brasileiros 800 filmes. Seiscentos e catorze eram películas norte-americanas. Sessenta e três, inglesas. Quarenta e três, francesas. Vinte e seis, italianas. Quinze, espanholas. Nove, australianas. Oito, canadenses. Seis, alemãs. Cinco, suíças. Duas, dinamarquesas. Duas, argentinas. Uma polonesa. Uma portuguesa. Uma russa. Uma chinesa. Uma coreana. Uma irlandesa. E, finalmente, uma era brasileira.

Resposta do professor Nilson Lage

Eu sou de uma época, voltando à questão sessão nostalgia que você inaugurou, em que eu prestava serviço militar e nós fazíamos exercício de marcha com fuzil... E o oficial que ia à frente dizia sistematicamente o lema “O que é o Exército?” e a tropa respondia “É o povo em armas”. Eu sou de uma época em que as massas caminhavam pelas ruas gritando *O petróleo é nosso*, lideradas pelo Clube Militar. O Brasil viveu uma longa experiência de divisões. Ele foi cedo partido aos pedacinhos. Não se esqueçam que ainda em 1955 o Exército impediu um golpe de Estado, que era o golpe para o impedimento da posse do presidente Juscelino Kubitschek. Não se esqueçam que em 1964, e nos anos seguintes, houve uma intensa depuração nas Forças Armadas. E que ainda assim, em 1968, havia um segmento muito importante, liderado pelo General Albuquerque Lima, ministro do interior, que defendia uma política nacionalista, e que dessa política resultou a criação de um plano de informática, vinculado à Marinha, o desenvolvimento de um plano nuclear, vinculado ao Exército, o desenvolvimento de um plano de constituição aeronáutica, vinculada à Aeronáutica – que é o único que deu alguma coisa –, e mais o aproveitamento de energia nuclear. E que essa mesma política geriu o segundo plano de desenvolvimento do governo Geisel. Isso não significa, em absoluto, que eu tenha qualquer simpatia pelos regimes militares. Mas significa que eu não sou burro, eu estou vivendo no ano 2000, não nos anos 70, e as campanhas que tem sido feitas no Brasil são tipicamente campanhas de esquecimento. De repente, todos os segmentos reacionários do país passaram a denunciar os militares de 1970. Não se esqueçam que a *Folha de São Paulo* era porta-voz da ditadura em São Paulo. Não se esqueçam que a Rede Globo era beneficiária direta da ditadura militar. Agora essa gente está fazendo retratos monstruosos dos militares. Eles são tão horríveis que hoje, embora a gente tenha um Exército que é pequenininho, uma Força Aérea debilitada, mal equipada, e uma Marinha que não conseguiu desenvolver o seu submarino nuclear ou coisa alguma, apesar disso os americanos ainda se preocupam muito em visitar quartel por quartel, em controlar o sistema de comunicação na Amazônia, e hoje estão visitando todas as guarnições de guerra de selva que foram montados pelos generais brasileiros para formar guerrilheiros para, na hipótese de uma invasão, resistir, porque não haveria outra forma de resistir senão a guerrilha. Eu sei disso porque eu estudei em colégio militar e tenho colegas que são generais e me dizem isso. Então, eu quero falar de uma outra coisa. Há vários níveis de

questionamento, há vários níveis problemáticos no Brasil. Um é que se vocês observarem bem, com todo esse discurso da Alca, os mais pesados investidores em sistemas de base no Brasil são europeus e não americanos. Que coisa interessante! Os bancos são principalmente europeus. As empresas de telecomunicações são principalmente européias. Então há uma forte penetração européia no Brasil, e eu creio que na Argentina. Na verdade, os EUA não estão investindo tanto assim. Eles fazem um investimento político. Eles fazem um investimento militar, que nos deixam extremamente surpresos. Mas nós fomos impedidos de colocar satélites em órbita porque os americanos diziam que os foguetes iam servir para jogar bombas atômicas imaginárias nas cidades americanas – o que é uma idéia de louco, mas eles nos impediram de desenvolver foguetes. Coisas desse tipo nós estamos vivendo em termos de dominação. Por outro lado, se nós estamos pensando no ano 2001, e se nós não estamos numa sessão nostalgia, eu posso dizer o seguinte. O computador não é só um instrumento da internet. Com um custo da grandeza, hoje, de dez mil reais eu edito televisão. Então você pode perfeitamente, com dez mil dólares, editar televisão. Por outro lado, a câmera Sony amadora feita em Manaus, posta lado a lado com a câmera Sony 1800, que é um pouco melhor do que a câmera que nós usávamos na TVE em 1980, o desempenho da câmera Sony de Manaus é melhor. Quer dizer, você, com uma câmera de dois mil e duzentos reais e um equipamento de dez mil reais, produz alguma coisa em televisão. Se você investir mais, você vai produzir com mais qualidade. Usando o sistema de edição não linear e usando gravação digital. Por outro lado, nós verificamos que a internet II funciona como uma tevê direta. Ela é uma tevê direta interativa, em que você entra tranqüilamente. Isso não é uma perspectiva remota, isso é uma perspectiva para daqui a três ou quatro anos, no máximo. Porque enquanto eu estou conversando com vocês essa tecnologia está evoluindo. Então, todo esse discurso sobre centralização dos meios de comunicação – que foi um discurso muito importante na década de 70, foi importante na década de 80 – hoje está perdendo o sentido. A questão toda é que não há o que dizer. Qualquer central sindical brasileira consegue colocar uma tevê a cabo no ar tranqüilamente. Acontece que jamais uma central sindical brasileira fará um acordo sobre o que dizer na televisão. Não há o que dizer. A internet é o exemplo maior do não há o que dizer. Nós estamos sem voz. E não estamos sem voz porque perdemos a voz, nós estamos sem voz porque perdemos o discurso. É um negócio terrível! Porque se você perdesse a voz e tivesse o discurso, tudo bem. A gente fabrica uma voz. Agora, fabricar um discurso é um

pouco difícil. Nós só temos uma possibilidade, que é juntar os cacos. Aumentar o volume de informação. Adaptarmo-nos a essa nova realidade tecnológica, que é muito promissora. Desenvolver um discurso pelo menos contemplativo. E finalmente, para fechar a sessão nostalgia, eu queria contar uma historinha testemunhal. A Copa do Mundo foi em 1950, minha família era muito pobre, o ingresso era muito caro, eu não pude ir. Então fui conhecer o Maracanã em 1951. E eu sentei na quina do campo, porque as duas laterais estavam cheias e atrás do gol estava vazio, então eu fiquei ali naquele canto. No começo do segundo tempo, o ponta-direita de um dos times centrou a bola e, nesse momento, o juiz apitou. Aí parou. Parou e ficou todo mundo sem saber porquê. Aí o microfone do estádio disse assim: “Atenção ao estádio municipal do Maracanã! Adentra neste momento, na tribuna de honra, sua excelência, o presidente da República, Doutor Getúlio Dorneles Vargas.” O estádio inteiro se levantou e bateu cinco minutos de palma. Quer dizer, ou nós progredimos muito ou nós regredimos demais.

Intervenção da professora Irene Cristina

Na década de 80, eu fazia parte de um grupo que teve um sonho de criar uma agência de notícia alternativa de televisão. Nós cobriríamos assuntos que os jornais não cobrem, mas que são de interesse de alguns países da América Latina, da Europa, etc. E começamos a trabalhar. Nessa época foi exatamente quando os equipamentos começaram a baratear. E eu me lembro que em um dos primeiros eventos que nós fomos fazer – tivemos que passar vários fax para a Itália –, quando fomos fazer o evento e chegou a conta telefônica, a sociedade se desfez porque não haveria dinheiro para pagar a conta daqueles fax que a gente mandava daqui pra lá. Hoje em dia, como o Professor Nilson falou, é realmente muito barato. Então existe, tecnologicamente, a possibilidade. Quanto ao discurso, eu acho que se, pelo menos a gente se dispuser, nessas pequenas redes, nesses pequenos lugares, a mostrar alguma coisa diferente da agenda dos jornais, se a gente colocar o que é notícia, exatamente o que eles acham que não é notícia, se a gente já passa a divulgar isso, a gente já vai estar dando um passo. Porque, na realidade, se vocês abrirem todos os jornais e todas as tevês hoje, é tudo a mesma coisa. E quanta coisa não foi divulgada. Por exemplo, esse simpósio não vai ser divulgado. Então se a gente pelo menos divulgar o que eles não divulgam, já é um discurso, porque a gente já

vai estar informando um outro lado. E se a gente tem essa tecnologia, vamos começar em algum lugar, vamos começar nas universidades, nos clubes, etc. É claro que não são só as centrais sindicais que não vão se entender, ninguém se entende. A tevê comunitária tem que botar no ar tudo, porque a lei deixou tão ampla a participação popular que você liga a tevê comunitária e você vê de tudo. Aí você diz: ah, isso eu não quero ver. Eu quero ver um discurso mais homogêneo. Mas ao mesmo tempo é um início de um discurso. É um monte de gente que nunca abriu a boca e está aí podendo falar alguma coisa. Então, por que não? A gente realmente não vai conseguir uma unanimidade no nosso discurso, até porque seria muito chato. Mas vamos tentar, vamos começar a fazer da algum lugar.

Intervenção do professor Roberto Amaral

Quanto à primeira questão colocada neste debate, a questão da língua, me desculpem, considero da maior irrelevância. Temos neste continente duas línguas irmãs. Nesses dois dias, ouvimos muitos relatos do quanto está avançando, nos países hispânicos, a presença do português, e nós temos relatos do quanto está avançando entre nós o espanhol. Todos nós, brasileiros, achamos que falamos espanhol, outros falam *portunhol*, e todo mundo se entende. Mesmo os hispânicos, que têm dificuldade em entender o português falado, não a têm na leitura do português. Agora, vejam o seguinte. Construir uma comunidade em um continentezinho, que fala espanhol, catalão, galego, português, grego, inglês, alemão, holandês é que é difícil! E os europeus estão conseguindo. E nós não temos os conflitos históricos que a Europa tem, e tão recentes... Ontem se discutia aqui porque nós, brasileiros, e também se dizia eles, os americanos, não têm muita ligação com a política internacional, um dos companheiros lembrava um fato: que a própria construção dos países aponta para isso. Na Europa, a cada guerra muda o país – essa área que era francesa passa a ser alemã, essa área alemã passa a ser polonesa, etc. E nós, desde o massacre que brasileiros, argentinos e uruguaios impuseram ao povo paraguaio, desde então este Continente tem vivido com relativa paz. Então eu acho que a língua não pode ser o pretexto da ausência de integração, da ausência da tentativa pelo menos de construção da comunidade. Há uma corrente no Itamarati que parte do pressuposto de que o Brasil é grande o suficiente para ter uma política própria, e ele pode resistir à Alca,

independente do resto do continente. Eu acho que isso não é possível. O Brasil precisa investir e trabalhar – sem hegemonia, sem pensar que é grande potência – com a integração da América do Sul. Não acredito na integração da América Latina. É impossível uma integração pensando no Nafta. É impossível uma integração pensando na América Central e no Caribe. Agora, uma comunidade integrando a América do Sul, se o Brasil e os outros países tiverem projeto, aí sim. Empreguei a palavra projeto em vez de discurso, porque desejo retomar uma questão levantada pelo Nilson Lage. É a questão das inovações tecnológicas em si. Até agora não as vi democratizando nada. Porque a questão fundamental não é o instrumental tecnológico, é o que colocar nesse instrumental, é seu uso, é seu controle. É o discurso ou o que eu chamaria de projeto. Quero concluir com o que o Nilson Lage chama de crise do discurso, e que eu denomino, referindo-me à mesma coisa, de “*crise do projeto*”. Perdemos o projeto. Alguns identificam como crise dos paradigmas. Pode ser também a crise do marxismo, que para mim é a crise das ciências sociais. Nos anos 50-60, referidos pela Irene Cristina e pelo Lage, estávamos mobilizados por um projeto. Bem ou mal, um projeto de sociedade, um projeto de nação, um projeto de país, tínhamos até um projeto de mundo. Havia uma visão de mundo que amalgamava, que unificava nossas gerações, e de certa forma as gerações que nos antecederam. Este projeto nos foi roubado. Mas o fato é que com a crise que vamos simbolizar com a queda do Muro de Berlim, com a crise do marxismo, com a crise dos projetos revolucionários, com a crise que redundava na ausência de possibilidade de ruptura, e do discurso único, nós, embora estejamos sabendo fazer a crítica do que se construiu em cima disso, não estamos fazendo o discurso do que fazer, o discurso do projeto. Este Seminário se insere também neste esforço. Suponho que o grande desafio é tentarmos construir um projeto para o país, um projeto para o Continente. A outra questão é que fomos reiteradamente traídos. Este país pode andar mal, como anda pessimamente, mas isso não afeta a burguesia nacional. Se isso afetasse a burguesia nacional, se esse país não fosse formado por invertebrados, haveria de ter ocorrido alguma reação ao crime interposto conscientemente pelo governo federal ao destino deste país, que é este racionamento de energia. Como é que essa sociedade – dos operários, das donas de casa e das elites industriais, das elites comerciais, das elites que investem neste país – não reage de forma alguma? Nós estamos reagindo como o cãozinho de Pavlov. Estamos todos obedecendo.

Intervenção de Nilson Lage

Um outro aspecto da realidade é que hoje os discursos da conformação e da contestação têm a mesma origem. Então você precisa ouvir o discurso da pedagogia, por exemplo. Qual o discurso da pedagogia? Não importam os conteúdos. O discurso da pedagogia é o seguinte: não importam os conteúdos, as crianças não precisam aprender nada. Elas têm que ser criativas, alegres, construir a cidadania... Conteúdo não tem a menor importância. Matemática não precisa, Português, jamais. Você vê por aí que isso não é pedagogia. Na universidade então... Então você tem todo um discurso de conformação travestido de progressismo.

Intervenção do professor Antônio Martins

Eu queria comentar rapidamente o que eu acho que é a nossa responsabilidade na reinvenção da economia. Eu concordo, em primeiro lugar, com o Nilson Lage, e isso me comove. A facilidade que há hoje em produzir material de comunicação de boa qualidade com poucos recursos. E me comove inclusive pelo que a Irene falou, da dificuldade que houve em outras épocas, em que chegava a conta do telefone e acabava o projeto. Isso é um fator a nosso favor. Também concordando com a Irene, acho que está a nosso favor o fato de os meios de comunicação mais tradicionais serem incapazes de tratar com um mínimo de profundidade e competência os problemas essenciais da realidade brasileira. Não é simplesmente a Alca ou o Mercosul, são os fatos cotidianos. Não há uma boa reportagem na imprensa brasileira sobre a devastação da Amazônia. Não há uma boa reportagem sobre as chacinas, que em São Paulo matam 500 pessoas por ano. Não há uma boa reportagem, por exemplo, para o fato de em São Paulo morrerem 5000 pessoas por ano de assassinato. Então é um outro fenômeno importante do nosso ponto de vista. E eu concordo com vocês. Ainda que a gente possa fazer programas de televisão, matérias pela internet, nos falta um programa, uma idéia, uma utopia. Agora, cabe a nós reconstruir essa utopia. E é um processo demorado, é mais do que reconstruir um discurso, porque a sociedade capitalista mudou, para muito pior mas mudou. Como diz o Caetano Veloso, o rei está nu, mas o rei é muito mais bonito nu. Para enfrentar esse rei nu mas muito mais bonito é preciso compreender em profundidade quais foram as transformações que houve e qual a mudança dos agentes sociais da transformação e qual a mudança

necessária nos programas de transformação social também. De certa forma, a baixíssima qualidade do material sindical reflete isso. Talvez, o velho proletariado não tenha mais o papel que a gente pensava na transformação social. Isso não tira nem um pouco da importância e da beleza da luta contra o capital. O proletariado é hoje muito mais reduzido em relação à população e ao mesmo tempo está muito mais disperso, e ao mesmo tempo não tem mais aquele papel que Marx indicava. Isso faz com que a luta operária seja muito mais difícil. Mas surgem outros agentes. Surgem agentes como os Sem-Terra, por exemplo. Nenhuma força política faz o trabalho hoje, que seria inteiramente possível, desde que se conhecesse essa realidade efetivamente. Não haverá outras formas, não haverá algumas formas inclusive que possam representar possibilidade de mobilização internacional? Não é possível desenvolver, a partir dos fatos novos que o avanço tecnológico traz, reivindicações novas, programas novos? Eu acho que as bolas estão pingando perto da área. O esforço é enorme, porque nós todos estamos acostumados com a velha tradição.